

## **ALGUMAS REMINISCÊNCIAS SÃO-JOANENSES, SEGUNDO JARBAS ALBRICKER**

**José Antônio de Ávila Sacramento**

A história "não se desenrola apenas nos campos de batalhas e nos gabinetes presidenciais. Ela se desenrola também nos quintais, entre plantas e galinhas, nas ruas de subúrbios, nas casas de jogos, nos prostíbulos, nos colégios, nas usinas, nos namoros de esquinas" (Ferreira Gullar/Corpo a corpo com a linguagem, 1999). Relatos existenciais podem reconstruir acontecimentos que julgávamos perdidos e acabam transformando experiências vividas em boas fontes para a compreensão d'uma época, para o entendimento da história atual e, conseqüentemente, dão lastros para pensar sobre o futuro.

Neste sentido eu relembro que em 25 de junho de 2001 fui presenteado pelo saudoso amigo Paulo de Carvalho Vale, então prefeito de Prados - MG, com o livro "São João del-Rei, seus colégios e outras lembranças", obra escrita pelo pradense Jarbas Albricker e que foi publicada pela Imprensa Oficial de Minas Gerais, no ano de 1984. São do mesmo autor: "Memórias de um Pracinha" (duas edições, 1965 e 1983), "Carandahy do Livramento - Carandaizinho" (1985) e "A Paraíba tem olhos verdes" (s.d.).

Na abertura do livro sobre São João del-Rei (97 páginas), o autor advertiu que "depois que Raul Pompéia brindou a literatura de língua portuguesa com o Ateneu, foi praticamente fechada a porta a tantos quantos (...) pretendessem ousar escrever qualquer coisa sobre internatos em colégios". Ainda bem que o notável Jarbas ignorou a própria advertência e ousou a escrever não apenas sobre os colégios são-joanenses, mas, também, sobre variadas facetas da cidade, missão em que ele obrou muito bem!

O menino Jarbas, que já havia estudado um ano numa "escola da roça", e, depois, mais um ano e meio numa escola pradense, não pensava em continuar seus estudos; no entanto, com seus onze anos, em 1934, acabou sendo "arrancado" de casa por um tio, para estudar na mineira São João del-Rei, falando de arranco: "vim buscar o sobrinho para estudar. O pai dele vive viajando, nem pensa nisso, mas o menino não pode ser desperdiçado. (...) Quando o pai dele escrever, dê notícias a ele, que eu tenho certeza que vai aprovar. Arrume o menino que vou levá-lo hoje". Então, embarcaram na Estação de Prados, via bitolinha da RMV, e, numa viagem bem sacolejada, o menino chegou a São João deslumbrando-se com a cidade "feericamente iluminada, pois havia inaugurado sua nova usina elétrica", para ser aluno no Ginásio Santo Antônio, onde, no primeiro dia de aula, foi recebido num elevador para subir três andares "em companhia de um frade holandês de mais de dois metros de altura", ser estranho, vermelho como o sol e que pronunciava palavras ininteligíveis. O menino saía "da selva para a metrópole" e se deslumbrava com o acultramento: conheceu o cinema falado, o

sorvete "da Sorveteria Polar" e da "Leiteria Mansur" e deparou-se com "criaturas de casacas, bengalas, cartolas ou chapéus de palheta", figuras excêntricas e enigmáticas. Conheceu o Morro da Força, o Cala-Boca, Rio Acima, Matosinhos e a estação de Chagas Dória, o Tijuco, a Rua da Fábrica "com seus pomares e italianos jogando bocha nos planos junto ao leito da estrada de ferro" que rumava para o sertão.

Segundo Jarbas, a cidade e o Ginásio eram igualmente grandes. Um merecia o outro". Os freis eram fanáticos por futebol, o Esparta era um time de respeito "e os freis torciam, gritavam, esperneavam, invadiam o campo, gritavam. (...) Frei Lau era um deles. Muitas vezes era proibido de ir ao campo. Ficava lá do seu quarto, no andar mais alto, de binóculo em punho, curtindo à distância, os lances emocionantes dos meninos do Esparta. Outra atividade que os freis cultivavam com o maior ímpeto era o tabagismo. Quando entravam em aula, tiravam de seus imensos bolsos uma verdadeira tabacaria: cigarros de palha e papel, para enrolar, duas, três marcas de cigarros já prontos, charutos e cachimbos de mil e um formatos. Era um nunca acabar de soltar fumaça pelas narinas e boca...".

Àquela época "del-Rei andava animada" e "seus cafés regurgitavam; em cada mesa uma rodinha, absolutamente heterogênea. (...) Café Rio de Janeiro, Ideal, Java, além de outros. (...) O tinteiro econômico efetivamente revolucionou principalmente o meio estudantil. Sendo feito de alumínio e dotado de uma válvula de segurança, não deixava entornar a tinta, o grande tormento dos pais e estudantes" e "foi uma solução sem par para a época". Prossegue o Albricker: "a cera Dr. Lustosa, para dor de dentes, era outro invento da criatividade do são-joanense".

As festas paroquianas eram constantes. A "existência de poucos padres seculares, mobilizava os franciscanos, que cuidavam e bem de cada uma delas. Movimentavam-se sempre, ora a pé, ora de bicicleta, dois a dois, em demanda de suas respectivas paróquias". Havia muita música por toda a parte, com retretas nas frescas tardes às margens do Lenheiro. Óperas eram trazidas à cidade pelo italiano André Belo. Dentre os muitos que aqui residiam, destacava-se o General Faria, "não só por ser graduado, como também pela sua simpatia pessoal e benquerença junto à população". Desde aquela época a "afinidade de São João del-Rei com o 11º RI "é de mãe para filho": gerações ali prestaram serviço militar e muitos de profissionalizaram. Águas Santas era o passeio preferido: "suas águas quentes saem do sopé da serra (...) diretamente para os tanques de cimento onde as pessoas se banham", com frequentadores circulando em trens resfolegantes sobre a bitolinha da RMV. Outra grande atração da cidade era os jogos de futebol entre as equipes mais tradicionais e "as disputas eram memoráveis, a rivalidade imensa": o Athletic (o mais aristocrata, onde se destacavam Mestre Cuca, Meirinho, os irmãos Pedro e Paulo Farnese, Totonho, Dunga, Mulatinho...), o Minas F. C. (o mais popular, com Abelardo, Tiquirino, Tatu, Edipo, Jasminor, Roberto e Chico Neves ) e o Esparta (o mais simpático, com seus altos e baixos desempenhos, pois era desfalcado de jogadores que anualmente terminavam o curso).

O que aqui está registrado são parcos excertos iniciais das reminiscências de Jarbas Albricker e não esgota o tema do livro onde, de forma detalhada, ele descreveu curiosidades e elencou importantíssimas informações da sociedade são-joanense d'uma época não muito remota, mas que, devido à aceleração da história, passou e ainda passa por velocíssimas alterações. Tais registros memoriais revelam diferenças ou semelhanças da "antiga" cidade com a urbe contemporânea, abordagens que se apresentam impregnadas de historicidade e sociogenia: são visões de mundo que dão lastro para a antigas vivências, oferecem suportes para análise e compreensão de mutações, para a condução do presente, para tecer relações interpessoais e servem para fincar algumas balizas visando o futuro. É, portanto, leitura que vale a pena!



**Nota:** texto publicado originalmente no *Jornal de Minas* - São João del-Rei - MG, ano XVIII, página 02, edição nº 270, de 28/09 a 05/10/2018